

PROGRAMA DE ÍNDIO*

* NOTA: *Nenhum índio e nenhum animal foi maltratado na escritura deste conto.*

O boteco exalava um cheiro doce de cana no ar. A mesa melada de cachaça atraía moscas. Num canto escuro o índio fungava uma cantiga lúgubre:

- *Hoooo pom makure... Ebá, ebá ebá!*

Atirei-lhe uma moeda. O níquel rodopiou caprichosamente na mesa molhada de cachaça.

O índio não moveu um músculo. A moeda tilintou e pousou rente à mão do índio feito peão em fim de seu ciclo de giro. Ele olhou longamente para a moeda. Os olhos inchados, fixos e inexpressivos. Por fim apanhou o dinheiro com certa dificuldade por causa das unhas em toco. Levantou os olhos brilhosos para mim e abriu um sorriso meio banguela.

Aproximei-me da mesa e ele acenou para que eu me sentasse.

- Você conhece o Morro do Bugio?

O índio olhou-me com espanto. Sem dizer uma palavra estendeu para o vendeiro a moeda que ganhara. Seu copo foi imediatamente enchido com cachaça até a borda.

- Preciso que você faça um trabalho pra mim lá no alto do morro – insisti. O índio tomou o copo pela borda superior e, com certo tremor levou-o à boca. Sorveu a pinga de um só gole como se fosse água. Depois permaneceu com olhar no infinito como se enxergasse algo etéreo por sobre a minha cabeça.

Como ele continuasse calado coloquei mais duas moedas na mesa. O índio lançou-me um olhar de dúvida e perguntou:

- *Qualé o trabaio?*

- Preciso que você faça um roçado. Só as árvores pequenas. É pra marcar a divisa do terreno. Eu comprei aquelas terras.

- *O siô sabe qui é qui tem lá?*

- Tem mato. Não quero derrubar o mato. Só quero tomar posse do terreno pra que os outros não entrem lá e derrubem a floresta.

- *É qui lá tem os Gabirá. Espírito sem descanso. Era cimintério índio.*

- Está bem. Não vou incomodar os espíritos. Depois que fizer a cerca eles vão ficar sossegados.

- *Os Gabirá não deixa! Nós temo que pedi licença e vê si eles deixa nós entrá.*

Coloquei uma nota de vinte Reais sobre a mesa e falei com firmeza:

- *Tá bem!* peça a licença. Amanhã bem cedo nós vamos subir o Morro do Bugio.

O índio não pegou o dinheiro. Apenas olhou-me com a superioridade de quem conhece segredos e falou com voz grave:

- *Não é licença pra eu. Ocê vai lá e pede pros Gabirá se pode fazê o serviço no cimintério índio.*

Eu já ouvira estórias sobre a existência de um cemitério indígena no terreno que comprara para o Sítio Tutti-Frutti. Não que tivesse medo das aparições que contavam nas vendas de Angelina, mas não pretendia me aproximar daquela área. O local indicado pelo índio era de difícil acesso, no alto do morro. Meus planos não incluíam a utilização do antigo cemitério. Queria apenas demarcar a terra e utilizar as pastagens próximas à estrada para construir minha casa.

Também queria deixar claro ao índio que não tinha medo dessas coisas. Minha geração demitizou os fantasmas, clareou as ruas com eletricidade e deu às pessoas emoções seguras em *games* e filmes 3D, com toda a espécie de monstro e criaturas estranhas. Para nós a segurança estava num click de mouse. Caso a criatura demonstrasse agressividade acima do suportável... CLICK... e os monstros sumiriam da tela.

Tomei novamente a nota de vinte e a coloquei na mão do índio: – Amanhã de manhã, então vamos lá para pedir licença aos espíritos.

O índio sorriu sem jeito:

- *Não pode ser de manhã. Tem que ir de noite. De dia os Gibirá tão dormindo...*

Fiquei impressionado como a minha visão era débil em relação a do índio. Eu tinha uma lanterna na mão e escolhia cada parte do caminho onde colocar o pé. Quando a lanterna apontava para o chão um galho me batia na testa. Quando o foco procurava pela ramagem eu tropeçava em troncos atravessados. O índio, ao contrário, caminhava longe da lanterna desviando os obstáculos com extrema destreza. Quando ele sumia na escuridão eu o chamava:

- Ei, índio! Espere por mim.

De repente ele parou. Fez sinal colocando o indicador sobre os lábios para pedir silêncio.

- *Escuita só...*

- O quê?

- *Os Gibirá já nós viram!*

- E então? Vamos pedir a licença e descer logo.

- *Não! Eles tão chamando nós. Eles ficam chorando pruruê tão preso no cimintério. Eles quer que nós chegue perto pra saber se nós é abaetê, gente boa.*

Havia um paredão rochoso no qual a lanterna revelara a existência de desenhos de símbolos indígenas. Aproximamo-nos do paredão e esgueiramo-nos junto à rocha. Havia apenas uma passagem estreita que subia pela parede rochosa tendo à direita um precipício do qual não se sabia a profundidade. O índio ia na frente e eu o seguia com respiração ofegante. De repente, escutei claramente uma voz rente ao meu ouvido:

- *Abaçaí! Babaka abaçaí!*

Voltei-me para trás e iluminei a retaguarda buscando a origem daquela voz. Não havia ninguém. Perguntei ao índio se tinha ouvido algo. Ele negou com um movimento de cabeça e novamente colocou o indicador sobre os lábios me pedindo silêncio. A voz me disse algo impronunciável. Com certeza algo em uma língua que eu nunca ouvira. Mas era impressionante o tom da voz que me falou ao ouvido. Não posso esquecer a maneira como a voz me falou. Era um tom esganiçado e parecia emitido por alguém desesperado.

Continuei pelo caminho quando senti que pisara em algo mole. Imediatamente ouvi com clareza, bem junto aos meus pés, um choro de criança. Apontei imediatamente a lanterna para os pés mas não vi nada. Eu suava frio e queria sair dali o mais rápido possível. Gritei:

- GABIRÁ... SOU AMIGO! QUERO FAZER UM ROÇADO!

O caminho era estreito. De um lado o paredão de pedra. Do outro o precipício escuro. Iluminei o caminho em frente e não achei mais o índio.

- Ei índio! Espere por mim!

Não houve resposta. Uma coruja assustou-me com uma espécie de risada que ecoou entre as rochas e a floresta. Calculei que era hora de descer. A brincadeira havia ido longe demais.

Quando dei meia volta na trilha estreita senti que alguém segurava meu braço. Girei a lanterna rapidamente para ver quem me tocava. Não podia ser pior: a lanterna despencou pelo abismo. Olhei para baixo e vi o facho girando e batendo em galhos até estatelar-se contra o solo apagando-se por completo.

Perdi meu guia e perdi minha lanterna. Não sei como, mas vou descer no escuro tateando o paredão rochoso. Disso eu tinha a certeza: o caminho teria que ir para baixo, tendo sempre à minha esquerda o precipício e à minha direita o paredão. Não poderia errar. Ao final da trilha precisava entrar na floresta e seguir sempre descendo o morro. Eu planejava minha estratégia de descida enquanto já a punha em prática.

- E o Índio? – Dane-se. Ele é bem esperto na floresta. Eu é que preciso de sorte para não cair no precipício sem lanterna e com as pernas bambas de medo.

No escuro é difícil saber se você está subindo ou descendo. Tive a impressão de que a trilha de volta que deveria descer era um caminho que subia. Haviam degraus de rocha e não havia dúvidas: eu estava subindo. Fiz meia volta e voltei pela mesma trilha. Novamente percebi que subia também por esse lado. Voltei a girar procurando a descida. Em vão. Qualquer lado que eu fosse me levava cada vez mais para cima.

Sem alternativa, resolvi seguir a trilha para ver onde daria. A subida continuava cada vez mais íngreme, até que alcancei um lugar plano e muito alto. O lugar estava gelado. Uma densa neblina cobria tudo. Parei sem saber o que fazer.

De repente, notei que a neblina filtrava uma luz tênue de cor violeta. Diante dessa claridade consegui enxergar um pouco. Percebi que havia um outro paredão de pedra. Segui em frente e encostei-me na rocha.

Naquele ponto havia uma reentrância de pouca profundidade como se um portal houvesse sido entalhado na pedra. Achei que era um abrigo apropriado para me esconder. Fiquei ali, num local mais escuro e olhava para um lado e para o outro tentando entender que luz era aquela.

Escutei uma espécie de lamento em um coro de muitas vozes. Algo assustador. Eu tremia tanto que nem percebi como, de repente, a neblina se dissipou revelando um local um pouco abaixo do meu esconderijo. Vi então o índio que me guiara até o alto do morro. Ele estava imóvel, com os braços levantados e olhava para o alto num gesto de súplica. Sem que esperasse, o índio começou a falar numa voz forte e poderosa:

- *Oh Angûera! Oh Gaborá!*

Oh Ibi manu!

Uquirimbau Tuti joca caa ibi auá, ibi manu auá. Tuti cari. Tuti Abaetê.

Tutti-Frutti Abaetetuba.

Uquirimbau, angûera?

Uquirimbau?

(Oh espíritos! Oh espíritos!

Oh Terra dos mortos!

Peço permissão para Tuti derrubar mato na terra dos índios. Tuti é um bom homem branco. Pessoa honrada.

Tutti-Frutti será lugar cheio de gente boa.
Permissão, espíritos?
Permissão?)

Um clarão como uma série de raios iluminou a montanha. Um coro de vozes de lamento irrompeu ecoando pela mata. De repente uma voz fortíssima calou os lamentos e fez tremer a pedra em que eu me encostava:

- *Nítio! Tuti Abaçái!*
Nítio! Nítio!

(Não! Tuti é pessoa que espreita, persegue índios. Abaçái!
Não! Não!)

As rochas tremeram novamente e um vento fortíssimo assolou a montanha. Os espíritos choravam em um coro de lamentações ensurdecedor. O vento parecia querer me derrubar, então levantei o braço e segurei-me numa espécie de galho que havia sobre o meu esconderijo, rente à minha cabeça. Um lufada poderosa fez com que eu perdesse o equilíbrio. Perdi a sustentação e fiquei pendurado no galho.

Para minha surpresa, sob o meu peso, o galho moveu-se para baixo como uma alavanca. A parede de pedra em que eu estava encostado abriu-se com um grande ruído. Percebi que abrira uma espécie de túnel cuja passagem a pedra estava bloqueando. Imediatamente vultos negros com formas aterradoras foram saindo do tnel.

Um sopro gelado veio do interior da rocha enquanto se ouvia uma gritaria dos infernos. Os vultos saíam gritando em desespero me empurrando e me atropelando. Senti as pernas sem forças e caí no solo com os olhos embaçados. Depois, tudo se apagou e tudo emudeceu...

Lembro que me imaginei morto, mas continuava pensando e tentando entender o que acontecera. O índio aproximou-se de mim e estendeu sua mão para que eu me levantasse. Pus-me de pé emudecido, sem palavras, assustado com o acontecido.

Segui meu guia índio no rumo da trilha, até que um vulto gigantesco pôs-se à nossa frente. Parei fitando a criatura que brilhava no escuro. Senti que dali não passaria. Dentre todas as fantasmagorias desta noite, esse índio gigante e fosforescente superava tudo: era bem real. Eu diria que diferenciava das outras aparições como uma imagem HD difere de uma analógica. Era nítido e real. O gigante olhou-me nos olhos e falou:

- *Aweté Tuti. Aweté pinoerê angûera Gabirá. Aweté Tuti. Uquirimbau joca caa ibi manu auá !*

O gigante falou e apagou... sumiu.

Tudo ficou em silêncio no Morro dos Bugios. Iniciamos nossa descida deixando para trás o cemitério índio. Quando já havíamos descido bastante a as luzes das casas já podiam ser vistas na estrada lá embaixo recuperei a capacidade de falar. Perguntei ao índio o que o gigante havia dito. O índio sorriu e me olhando nos olhos falou a tradução:

- Obrigado Tuti. Obrigado por libertar nossos espíritos de sua prisão. Obrigado Tuti. Pode roçar o mato no cemitério dos índios.